

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Gazeta/AC Class.: APFR 0075
Data 13/03/90 Pg.: _____

12 APFR 0075

Rio Branco - AC, 13-03-90

GAZETA ILUSTRADA

Rio Branco - AC, 13-03-90

APFR 0075 13

Carta aberta em homenagem à reserva extrativista

ANTONIO MACEDO

Companheiros seringueiros, índios, ribeirinhos, cruzeirenses, acreanos, brasileiros e todos aqueles que deram sua contribuição para a preservação das florestas. Finalmente, as travessuras foram muitas, mas a criação oficial da Reserva Extrativista do Alto Juruá é simultaneamente compensada e representa a maior conquista que os povos da floresta e os povos das cidades já obtiveram em favor da melhoria da qualidade de vida humana.

Portanto companheiros, tudo o que isto para nós representa é hoje resumido neste artigo mostrando nossos sentimentos pela criação oficial da primeira reserva extrativista do Brasil. E ainda porque esta é a maior reserva extrativista do mundo, a mais rica em recursos naturais renováveis e um dos maiores refúgios ambientais da face da terra.

Esta reserva extrativista representa o maior potencial de riquezas do município de Cruzeiro do Sul e, porque não dizer, do Estado do Acre. É, até o momento, a única reserva extrativista articulada a quatro Reservas Indígenas e um Parque Nacional no Estado do Acre.

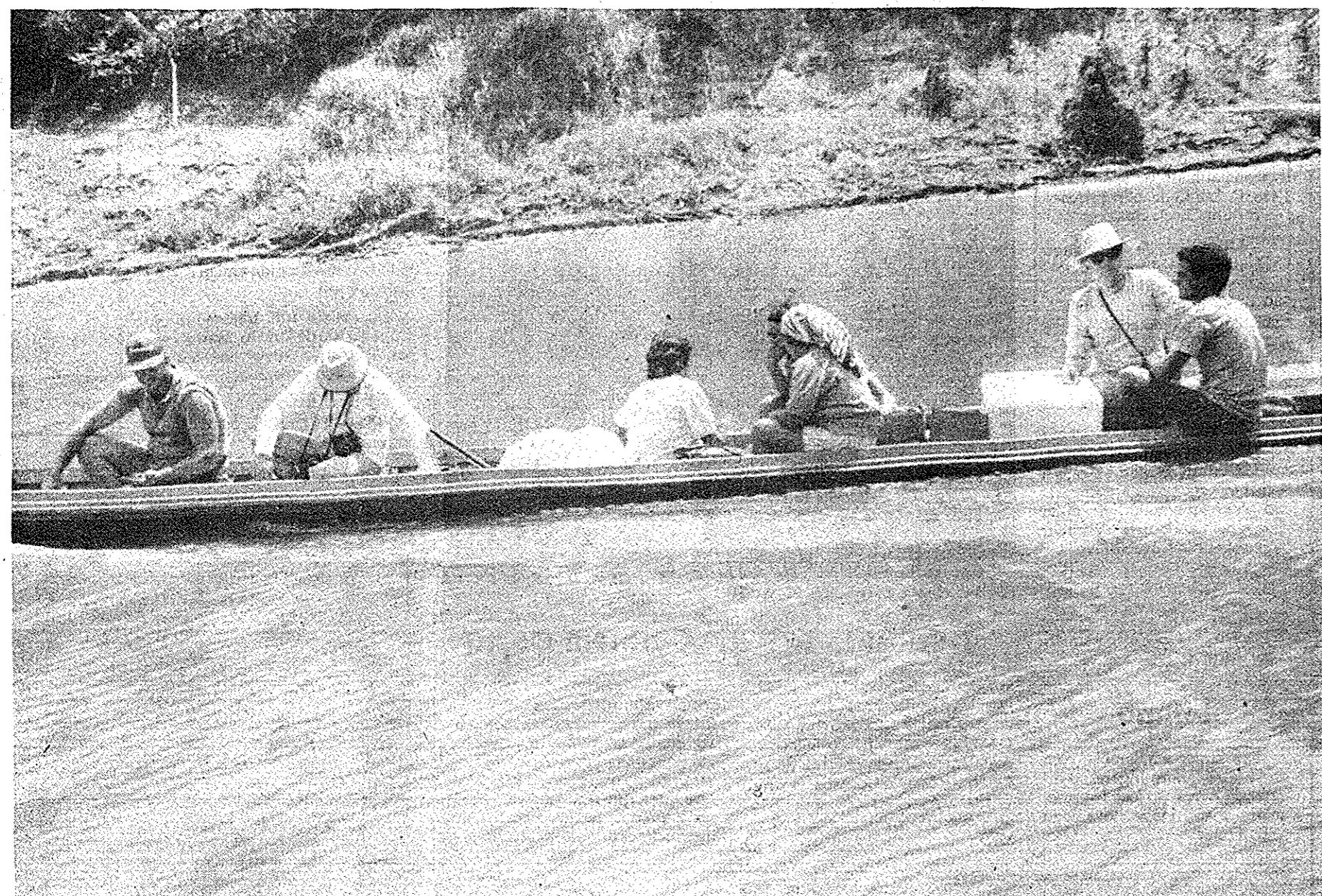
Isto demonstra que a integração e a aliança dos povos constrói-se dessa maneira na luta e o exemplo típico do Rio Tejo é um passo muito bem marcado para o fortalecimento das alianças firmadas pelos povos da floresta.

A Reserva Extrativista do Alto Juruá, realmente assegura e garante a preservação dos rios Amônia, Arara, Tejo, Bagé, Dourado, Riozinho, Camaleão, Machadinho, Acuriá, Caiçara, São João do Breu, Rio Breu e um grande trecho do Rio Juruá.

Esta é uma reserva realmente conquistada através da luta organizada dos seringueiros, ribeirinhos e os índios de nossa terra apoiados em suas associações e suas entidades representativas.

Para a concentração de toda essa importante conquista, buscamos aliados fundamentais como foi o caso da Procuradoria Geral da República, através dos procuradores Carlos Eduardo, José Roberto Santoro, Cláudio Fontelle e do próprio Procurador Geral Aristides Junqueira. Universidades como a UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas - através da participação fenomenal do antropólogo, Mauro W. Barbosa de Almeida, o professor Kit Brown, Adão José Cardoso e do próprio reitor daquela universidade.

A Universidade de São Paulo - USP - através da importante participação da antropóloga Maria M. Carneiro da Cunha. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e



Milton Nascimento conheceu a área da reserva e apoiou o trabalho desenvolvido pelos seringueiros e índios

Social - BNDS -, através da participação honrosa dos funcionários José Francisco, Sérgio de Paula, Adir Gianorini da Costa e do próprio Diretor Geral dessa instituição que procurou acreditar nos trabalhadores dando o primeiro financiamento liberado em banco brasileiro para os seringueiros do Acre. O que poderia ter sido liberado por um banco do próprio Acre, mas que até hoje nunca ocorreu. A Universidade Fluminense, através da participação da competente antropóloga Eliane Cantarino, que prestando seus serviços técnicos a Procuradoria Geral da República realizou excelentes trabalhos de levantamento

das relações sociais do trabalho no interior dos seringais e que foram muito úteis ao movimento de reivindicações dos trabalhadores da floresta. O CEDI, que, com dignidade e sabedoria, realizou trabalho de documentação em vídeo e cedeu apoio aos trabalhadores do antropólogo Mauro Almeida, sempre empenhado na causa dos seringueiros e inclusive abre as portas para uma maior participação na continuidade dessa luta hoje travada dentro do tempo dos direitos. Ao cantor e compositor Milton Nascimento, que teve a disposição de, juntamente com

sua equipe técnica, nos acompanhar pelos seringais e áreas indígenas prar ver de perto e para cantar certo o espírito sentido no ritmo de nossa luta pelos direitos dos povos da floresta. A QUILOMBO e ao Márcio Ferreira, em especial, produtora do Cantor Milton Nascimento que também nos deu muita força e inspiração para continuar à frente dessa luta pelo reconhecimento de nossos direitos. A Fundação de Tecnologia do Acre - FUNTAC - e, em especial ao engenheiro florestal Jorge Ney Viana e Gilberto Siqueira - presidente da FUNTAC que tiveram a cora-

gem de participar desta luta como intermediários do contrato firmado entre o Conselho Nacional dos Seringueiros - CNS - e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDS - para beneficiar os seringueiros do Acre.

A Comissão Pró-Índio do Acre, primeiro por não haver hesitado em colaborar com a Criação da Reserva do Alto Juruá, sendo inclusive a primeira entidade a consignar os primeiros recursos para o levantamento realizado na área. Em segundo lugar, pela participação efetiva do antropólogo Terri Vale de Aquino que, quer como amigo pessoal ou como membro da CPI-AC, acompanhou de perto a implantação do programa de desenvolvimento comunitário junto aos seringueiros do Rio Tejo, diante do interdito proibitório que impedia a mim e a Chico Ginú de chegarmos ao Tejo naquela época.

A EMBRAPA que, atendendo ao convite da Procuradoria Geral da República realizou os levantamentos técnicos necessários à eleição da área de reserva.

A EMA - Vídeo que realizou um documentário no Alto Juruá para a Rede Manchete de Televisão com o embasamento técnico da antropóloga Maria Maia. A TV-Aldeia que, através do jornalista Antônio Alves realizou levantamentos e montou o documentário O Rio da Borracha.

Aos fotógrafos e jornalistas João Ripper, Jesus e Cinthia Brito que realizaram trabalhos de documentação fotográfica na região em vários anos diferentes o que serviu de fator probatório de nossas propostas e questionamentos.

A imprensa falada, escrita e televisada especialmente a GAZETA que divulgou inúmeras vezes nossos trabalhos e com isso ajudou-nos a concretizar esta conquista.

A Fundação Gaia, de Londres - Inglaterra especialmente a Liss, Eduardo e Tânia Shawre, ao Jornal Gardiner e aos jornalistas Alex Shanklad e Elizabeth.

A minha família, especialmente ao meu pai, meus filhos e a todos que nos conhecem e que acreditam nessa luta mantendo a calma e usando a sabedoria para obter a conquista de poder resgatar parte de seu território anteriormente vendido a uma grande empresa sulista e já prestes a ser destruído.

Ao IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis -, especialmente à atitude de seu presidente Fernando Cesar Mesquita em criar oficialmente a Reserva Extrativista do Alto Juruá que significa para os seringueiros e os índios do Acre a segurança do futuro e um desenvolvimento equilibrado nas florestas que sempre habitaram. Florestas estas que, pela ganância da especulação já se encontravam nas mãos de empresas do Sul do País e, cujos proprietários nunca pisaram ou sequer investiram nestes seringais. Isto é o que podemos chamar de conquista de humanidade.

CONTAR A HISTÓRIA

Precisamos contar essa história e destacar aqui as pessoas e instituições que tiveram um papel importante nesse ponto de conquistas. Francisco Barbosa de Melo, popularmente

conhecido por "Chico Ginú", jovem e cheio de sonhos, "Chico Ginú" foi iniciado na vida Sindical aos 18 anos quando associou-se ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tarauacá, através do delegado sindical Luiz Ferreira.

Mesmo associado a uma delegacia sindical do município, Chico Ginú, nunca se esqueceu de sua comunidade e sua colocação era no Seringal Restauração, na Bacia do Rio Tejo. Ao lado dos delegados sindicais José Claudino e Chico Roberto, Chico Ginú, seringueiro jovem e recém associado foi destacando-se frente ao trabalho sindical.

Embora não soubesse ao certo qual seria o futuro de seu sindicato, ele entendia que sua luta primava por melhores dias para si e para os seus companheiros seringueiros. A situação não era muito boa para o Chico Ginú, haja visto que seus companheiros, outros delegados que haviam de orientá-lo, já haviam sido comprados pelos patrões seringalistas da região.

Em setembro de 82, chegava ao Rio Tejo o antropólogo, Mauro W. Barbosa de Almeida. Este, recesso voltava aos seringais do Acre para realizar uma pesquisa junto aos seringueiros do Tejo apoiado pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP - com o objetivo de escrever sua tese de doutorado em antropologia social.

O acreano, agora mestre, mesmo sem sequer inteririferir na organização sindical, como recesso, como cidadão e como lhe exigia o compromisso do saber, via o desejo de Chico e o amor que toda a comunidade demonstrava ter pelo jovem líder, que naquela época travava uma luta com sua comunidade para libertar-se do chamado cativeiro dos patrões, seguindo assim o exemplo da luta dos índios Kaxinawá do Rio Jordão, vizinhos do Rio Tejo.

Mauro não teve outra alternativa que senão orientar o jovem a esclarecer melhor seu ideal e passou a acompanhá-lo em suas reuniões sindicais. É importante ressaltar que o antropólogo Mauro W. Barbosa de Almeida foi o primeiro pesquisador a escrever um documento sobre os seringueiros do Tejo e "Chico Ginú", que já liderava a greve dos seringueiros na questão da renda pela produção das estradas de seringal, também pela não expulsão dos seringueiros de suas colocações e contra a repressão policial no interior dos seringais levados pelos patrões seringalistas (Mauro Almeida 82-84).

Os trabalhos de ação comunitária desenvolvidos pela comissão Pró-Índio do Acre, junto aos diversos grupos indígenas na Macro região do Vale do Juruá, desde 1975, já chamavam muita atenção dos seringueiros locais. Em 83, durante o Primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros da Amazônia, criou-se o Conselho Nacional dos Seringueiros.

Em 1986, realizou o Primeiro Encontro Municipal dos Seringueiros de Cruzeiro do Sul. Naquela ocasião, fui convidado a participar do evento na qualidade de indigenista e presidente da CPI-AC.

O antropólogo Mauro Almeida, na oportunidade, veio a mim dizendo "Macêdo eu concordo plenamente com o trabalho de vocês junto aos índios, mas, e os seringueiros?" Já em 87, por ocasião da Quinta Assembleia In-



Macêdo relembra a saga da criação da Reserva Extrativista do Juruá, no rio Tejo

dígena realizado na área dos Katuquinas/Yawanawá do Rio Gregório, a doutora "Ligia", do Incri de Brasília estava presente ao encontro e outros 30 seringueiros participaram da assembléia. Os seringueiros propuseram a imediata criação de uma reserva extrativista no Alto Juruá e outra no Seringal Universo incorporando o Seringal São Pedro e o restante do Seringal Kaxinawá nos limites com as áreas indígenas Katuquina e Yawanawá do Rio Gregório.

CHICO MENDES

Em 88, por ocasião de minha segunda missão dos quadros da FUNAI no Estado do Acre, aqui se realizava o Primeiro Encontro de Planejamento e Desenvolvimento da Amazônia, promovido pelo governo do Estado com a participação de entidades da sociedade civil.

Naquela ocasião Chico Mendes, Raimundo Barros, Osmarino Amâncio, Rodrigues, Jaime Araújo e Mauro Almeida me fizeram o convite para desenvolver trabalhos pelo CNS - Con-

selho Nacional dos Seringueiros - de maneira a compatibilizar a ação conjunta dos trabalhos realizados em áreas indígenas o que se pretendia para os seringueiros.

O Chico Mendes, me disse "Macêdo, você é um seringueiro, com seu trabalho junto aos índios adquiriu a prática e autoridade para realizar um trabalho junto aos seringueiros, principalmente na região em que você nasceu e cresceu como um seringueiro. Você deve ir para o CNS para lutar junto com a gente".

Agora realizamos mais uma etapa de nossa luta que ainda está só começando. A conquista da terra é a base para o avanço das melhorias e mudanças da ordem social e econômica que pretendemos implantar. O desenvolvimento é possível sim, sem a destruição irracional de nossos recursos naturais. Estamos vencendo. Só lamentamos que nosso companheiro Chico Mendes e tantos outros companheiros que morreram nessa luta de um dia atrás do outro não estejam aqui para ver nossa vitória a qual até os inimigos se vêem forçados a reconhecer.